

34. Conforme os casos apareciam a minha ansiedade piorava

Deusimar Maciel

Me chamo Deusimar Maciel dos Santos, tenho 1 filho, sou pedagoga da Escola Indígena João Batista Macial, sou do povo Galibi-Marworno, da Aldeia Tukay. Quando começou a surgir os casos de COVID-19 no Amapá nós estávamos iniciando o ano letivo e tivemos que paralisar as aulas. Nós reunimos a comunidade e, juntamente com a coordenadora da escola, informamos o porquê de ser paralisada as aulas, informamos também que a gente não sabia quando voltaria novamente, devido ao vírus que já estava no estado do Amapá, nós tínhamos que nos prevenir e manter a nossa segurança, manter a segurança da comunidade. Desde então recebemos orientações de como nos prevenir, que tínhamos que permanecer aqui na aldeia e não ir para a cidade para não nos infectar.

A preocupação mais desesperadora foi quando os casos começaram a surgir em Oiapoque. Eu, recentemente, tive uma perda e, com isso, acabei por desenvolver uma certa ansiedade. Conforme os casos apareciam a minha ansiedade piorava e o medo, a angústia e o desespero tomavam conta. Minha preocupação, a minha angústia, era sempre com os meus parentes, meu filho, minha mãe que é diabética, o meu pai, a minha avó e também com todas os parentes indígenas. Eu ficava desesperada em saber que a gente não conhecia o vírus e a gente não conhecia como o nosso organismo iria reagir diante dessa doença, caso alguém se infectasse.

Quando começou a aparecer os casos lá na Aldeia Kumarumã todos nós ficamos preocupados, porque todos nós aqui da aldeia temos parentes no Kumarumã e a minha mãe ficou mais preocupada com meu irmão, que mora lá. Ela estava sem notícias dele, nós mandávamos mensagem no *whatsapp* querendo saber notícias dele, de como ele estava, ele e a família dele, se ele estava se prevenindo, se eles estavam bem. Então, depois de uns dias, ele respondeu dizendo que estavam bem, mas que a doença já tinha chegado lá e tinha muitos parentes nossos que haviam sido infectados, que estavam bem ruins, mas que a comunidade estava tratando com remédio caseiro e alguns já estavam com sintomas leves. Ele disse que minha avó, já bem idosa, também tinha sido infectada e que ela estava muito

fraca, que ela não se alimentava direito e, devido a isso e a doença, ela ficou muito, muito fraca. Meu irmão disse que a minha avó pedia para que o meu pai – que mora aqui na Aldeia Tukay – visitasse ela, pois ela estava sentindo falta dele, porque fazia um tempão que ele não a visitava. Tudo isso acontecendo e minha avó estava pedindo para meu pai ir visitá-la na aldeia! Então a gente ficou preocupado com a saída dele para lá, mas com a graça de Deus ele está bem, ele não foi infectado ainda, é muito preocupante para nós, filhos, com os nossos pais idosos, com risco de serem infectados, porque eles são mais fracos diante dessa doença.

Quando começou a pandemia da COVID-19 quem sempre fazia as compras em Oiapoque era eu e o meu irmão mais novo, nós fazíamos as compras sempre nos higienizando, tomando todos os cuidados, mas esse meu irmão começou a apresentar sintomas de dor de cabeça, febre, dor no corpo, frio. Nós pensávamos que era uma gripe normal, que ele não tinha sido infectado, só que ninguém fez o teste para saber se era ou não a COVID-19. Mas a gente tomava remédio caseiro, chá, a gente recebeu orientações dos nossos parentes mais idosos, a gente fazia chá e tomava. Meus pais também tomavam, minha mãe e meu pai não apresentaram sintomas mais graves.

No dia 14 de junho eu comecei a sentir os sintomas, com uma enorme dor no corpo inteiro, fraqueza, dor de cabeça, frio... Dois dias depois fui me consultar no Sentinela, fui medicada e tomei todos os remédios e os sintomas foram desaparecendo, mas a minha preocupação maior era com meu filho que dormia comigo e vivia comigo o dia inteiro. Como iria ficar se ele pegasse? Como iria cuidar dele, ele doente e eu doente? Como a minha preocupação era com ele, comecei a me afastar dele. Comecei a dormir sozinha em um quarto e ele ficou sozinho no outro, fiquei mais distante dele. Ele me perguntava porque eu não queria mais abraçar ele, e eu tinha que explicar para ele porquê que eu não podia. Ele entendia o porquê, mas depois perguntava se depois eu iria voltar a abraçar ele. Eu dizia que sim, quando eu melhorasse eu iria voltar a abraçar ele e a gente teria a vida normal.

Eu fiz o teste, só que eu não peguei o resultado ainda, mas com os remédios que me passaram, além dos remédios caseiros, eu fui melhorando, começou a sumir a dor no corpo, as fraquezas, só as vezes que tenho leves dores de cabeça, uma dor de cabeça não muito forte mas que incomoda, senti que eu tinha perdido o paladar e o olfato, não conseguia sentir o cheiro de nada, nem sentir o gosto de nada. Passei uns dias lá no Oiapoque e, como eu já estava bem melhor, me recuperando, resolvi voltar para a aldeia. Quando eu cheguei na Aldeia Tukay vi que a maioria das pessoas estavam sentindo esses mesmos sintomas que eu

tive, sintomas leves e febre, dor de cabeça. Percebi que minha mãe também estava com esses sintomas e eu fiquei muito preocupada com ela, porque ela é diabética, mas ela também já estava tomando os remédios caseiros muito antes dela sentir os sintomas. Eu creio que devido a esses remédios caseiros nós só sentimos esses sintomas leves, que não nos ocasionaram coisas piores, e o meu filho, graças a Deus, até agora está bem e não tem nenhum sintoma. Hoje eu percebo o quanto o conhecimento tradicional indígena é importante para nós, o quanto a medicina indígena fez a diferença!

Aldeia Tukay, Oiapoque, Amapá, Brasil

23 de junho de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Rufino Cavalcante de Souza